

ACESSIBILIDADE PARA IDOSOS EM ÁREAS LIVRES PÚBLICAS

HERENA MARINA SCHULER¹; JESSIE TUANE RIBEIRO CARDOSO²; ISABELA FERNANDES ANDRADE³

¹Universidade Federal de Pelotas – herena.schuler@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jessiecaetano@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – acessiarq@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tornar o espaço público acessível para todos é um constante desafio, ainda mais diante de uma sociedade que possui uma grande variedade de características entre os indivíduos, sejam elas físicas, como etnia e idade, ou psicológicas.

Nesse cenário diverso, o aumento do número de idosos no país é um fator importante no planejamento e estruturação das áreas livres públicas. De acordo com o IBGE, 30,4 milhões de cidadãos brasileiros já possuem mais de 60 anos e, diante de um país envelhecido, surgem demandas não supridas devido aos problemas projetuais, de segurança e de manutenção dos municípios brasileiros (SILVA *et al.*, 2015).

Bins Ely e Dorneles (2006), em seus trabalhos, realçam os efeitos do processo de envelhecimento, que ocasiona restrições físicas, informacionais e sociais nos indivíduos, tornando os idosos usuários complexos, visto que cada organismo reage de diferente modo às mudanças fisiológicas. Todavia, juntamente com o aumento da população idosa, observa-se também um aumento no grupo de idosos buscando lazer e qualidade de vida, ocasionando uma maior busca por áreas livres que ofereçam espaço para convivência, prática de esportes e conversas.

Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo avaliar as condições de acessibilidade para idosos no Parque Dom Antonio Zattera, um dos maiores parques municipais e, também, um dos mais importantes pontos turísticos do município de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi dividida em duas etapas distintas, sendo a primeira composta por entrevistas e questionário *online* direcionado aos usuários e a segunda, de caráter técnico, consistiu na visita exploratória ao local para identificação de aspectos positivos e negativos do local.

A entrevista e o questionário eram similares, compostos por 16 perguntas e objetivaram a compreensão do usuário e sua opinião quanto ao espaço que ocupa, primeiramente, optou-se pela aplicação apenas do questionário, porém, mediante o baixo índice de respostas, a entrevista presencial se tornou necessária.

A visita exploratória contou com medições e registro fotográfico do local, para avaliação de conformidades e não-conformidades com a NBR 9050/15, referente a acessibilidade em espaços e utensílios urbanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se, através da tabulação dos resultados, que os respondentes do questionário *online* possuíam idade, em média, entre 60 e 64 anos, enquanto as entrevistas no local alcançaram um público diferente, com idade acima de 80 anos. Foi possível, também, constatar que 31% dos usuários participantes visitam o parque entre 1 e 3 vezes na semana, preferencialmente no turno da tarde (69%).

Primeiramente, viu-se necessário identificar as principais deficiências e restrições encontradas pelos usuários do local, sendo as principais representadas na tabela abaixo:

Tabela 1 - Deficiências e restrições identificadas de acordo com a técnica utilizada.

Questionário Online		Entrevistas	
Ausência ou imobilização dos membros inferiores	5%	Deficiência visual - baixa visão	31%
Deficiência visual – cegueira	5%	Ausência ou imobilização dos membros inferiores	25%
		Deficiência auditiva	19%
		Deficiência intelectual	13%

Utilizando uma escala numérica, onde os usuários responderam entre 1 (Muito Ruim) e 5 (Muito Bom), tornou-se possível visualizar a percepção dos participantes quando ao espaço estudado:

Tabela 2 - Percepção dos usuários quando ao espaço

Item	1	2	3	4	5
Satisfação geral com o parque	6%	0%	41%	3%	50%
Pavimentação	13%	3%	16%	31%	38%
Identificação visual	13%	9%	13%	31%	34%
Rampas	22%	9%	16%	9%	44%
Bancos e lixeiras	16%	3%	31%	16%	34%

Ao questionar os usuários quanto à quedas e outros problemas encontrados ao tentar usufruir do espaço, apenas 6% dos entrevistados já havia sofrido quedas no local, e outros 3% dos usuários já havia se perdido dentro dos limites do parque.

Como sugestões de melhoria, os usuários identificaram a falta de segurança, pouca manutenção e cuidado da área verde e ausência de locais para compra e consumo de alimentos.

A segunda etapa da pesquisa permitiu, através da visita exploratória, comparar as condições de acessibilidade do local em três dos quatro componentes da acessibilidade espacial (deslocamento, orientação e uso), em contraste com a NBR correspondente.

Em relação ao deslocamento, o parque possui calçadas em boas condições, compostas por material antiderrapante, como rege a norma, todavia, não há piso podotátil direcional, apenas o piso com fins de alerta, para auxílio de indivíduos portadores de deficiências ou restrições visuais. As rampas, presentes em três

das quatro esquinas que delimitam o parque, possuem inclinação acima de 5%, valor recomendado pela norma.



Figura 1 - Calçadas e rampas

O espaço não possui sinalização direcional de caráter tátil ou sonora, apenas da forma visual.



Figura 2 - Mapa para orientação espacial

Em se tratando do uso, observou-se a ausência de sanitários acessíveis, com a devida área de manobra para cadeirantes e barras de apoio para indivíduos com dificuldades na movimentação. Para que as pias possam ser utilizadas, é necessário realizar o movimento de giro da mão, não sendo acessível para usuários com restrições motoras e/ou intelectuais.



Figura 3 - Sanitários

O parque também conta com um bebedouro ativo, que possui um pequeno degrau em sua base e não oferece área de aproximação, além disso, o mesmo

possui 1,20m de altura, impossibilitando o uso para cadeirantes e ou usuários com nanismo.



Figura 4 - Bebedouro

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa possibilitou compreender diversos conceitos referentes a acessibilidade e, juntamente, observar com maior clareza como são e como se sentem no espaço os idosos que utilizam o parque Dom Antônio Zattera. Observou-se que a maioria dos usuários demonstra satisfação com relação às condições do local, ao passo que a visita exploratória detectou diversas não-conformidades com a NBR 9050/15. Logo, constata-se certa conformação dos usuários com as condições a eles oferecidas, não havendo grande motivação ou inquietação para mudanças.

Conclui-se, então, que o parque é acessível na visão dos usuários, mas que cabe aos pesquisadores e gestores municipais a constante atenção para resolver os detalhes estruturais que impossibilitam o acesso universal a alguns espaços, como os sanitários e bebedouros citados no tópico anterior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, ABNT. **NBR-9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

BINS ELY, V. H.; DORNELES, V. G. Acessibilidade espacial do idoso no espaço livre urbano. **ABERGO**, p. 8, 2006.

DISCHINGER, M.; BINS ELY, V. H. M.; PIARDI, S. MA. D. G. **Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos**. Florianópolis: MPSC, 2012.

DORNELES, V. G.; BINS ELY, V. H. M. Áreas Livres Acessíveis para Idosos. **Paisagem Ambiente: ensaios**, n. 22, p. 299–308, 2006.

SILVA, N. M. et al. Necessidades próprias da (c)idade: espaços acessíveis e funcionais para idosos*. **Serviço Social em Revista**, v. 18, n. 1, p. 219, 2015